

Anno XXI N.ºs 5 e 6 — Num. avulso 1\$200 — Agosto e Set.º de 1937

# A ESCOLA PRIMARIA

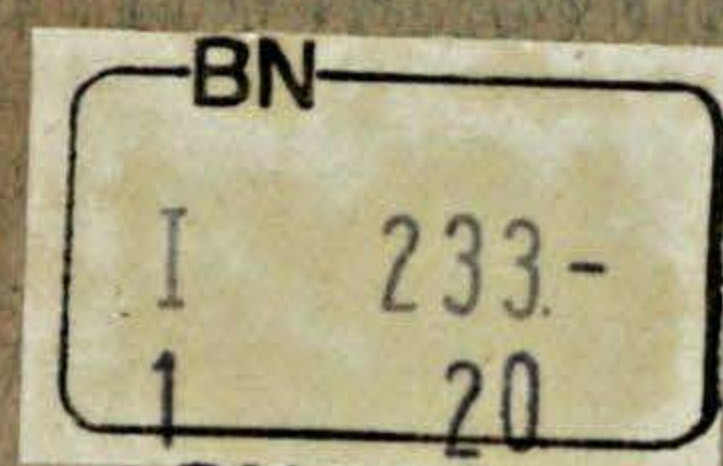
Revista de Educação

## SUMMARIO

<i>Red.</i> .....	Ordem
<i>Costa Sena</i> .....	Combate ao comunismo
<i>Arthur Magioli</i> .....	O Hino nacional nas escolas
<i>Leonor Posada</i> .....	Escola Normal Rural
<i>Waldemar F. Paes</i> .....	A Historia e seus fins na escola Primaria
<i>Maria do C. Vidigal São Paio</i> ...	A escola e o Mestre como fatores de civilização
<i>Comunicado do A. B. E.</i> .....	O trabalho Manual nas escolas
<i>Pedro A. Pinto</i> .....	Miudezas da Historia Patria
<i>Othello Reis</i> .....	Educação Moral e Civica
<i>Mestre Escola</i> .....	Tres palavrinhas
<i>Amelia A. Pinto</i> .....	O Clube Agricola
<i>Departamento de Educação</i> .....	Promoção de alunos

Redacção e Administração

Rua Sete de Setembro, 174



RIO DE JANEIRO

BRASIL



# PRÁTICA CONTRA O COMUNISMO

Srs. Superintendentes.

Em obediência às determinações do Sr. Secretário Geral de Educação e Cultura, recomendo-vos que sejam iniciadas praticas diarias, tendentes a contraminar a propaganda comunista, empreendida contra as nossas tradições e dirigida contra as instituições políticas e sociais brasileiras.

Deve a campanha, nas escolas primarias, ser feita pela palavra e pela ação, habilmente, de modo que não suscite no espirito dos ouvintes o desejo de conhecer a doutrina, cujos maleficios se combatem, o que seria propagar o mal.

Nos cursos secundarios e técnicos, se os estudantes tiverem conhecimento das teorias marxistas, é necessario empregar meios directos, refutando-as.

De todas as disciplinas, por meio principalmente do ensino ocasional, se pôde tirar partido para inculcar aos alunos principios são de moral e civismo, incompativeis com o materialismo comunista.

A idéia da Patria, de seu destino historico e de seu passado cristão, fortalecida pelo conhecimento da vida de seus grandes homens e de suas tradições, deve estar sempre presente em todas as classes.

Cumpré, outrossim, recordar aos alunos que o principio de liberdade, inherente à democracia, favorece o desenvolvimento de personalidade—objeto principal da educação, permitindo que cada qual se eleve às mais altas posições.

No terreno economico, é indispensavel incutir nos discipulos, por meio de exemplos, o respeito à propriedade privada, como fruto de trabalho e de economia, e fator de engrandecimento.

Nos cursos secundarios, convém esclarecer os estudantes, recorrendo ao historico da propriedade, que o progresso consistiu em passar da indivisão primitiva à propriedade individual, elemento substancial da ordem juridica no Estado.

Voltar à indivisão seria o retrocesso.

Facil é evidenciar, prosseguindo neste rumo, que, justamente por ser contrario às tendencias naturais, o comunismo se impõe pela violencia e só se mantém pela compressão.

Enfim, das ciencias exatas podem extrair-se exemplos de veracidade e exatidão necessarios ao carater; da historia e da literatura, ensinamentos morais extremamente proveitosos ao movimento saneador.

O ensino religioso, onde for ministrado, virá auxiliar poderosamente o vosso louvavel intento, pelo acento de espiritualismo e pelos exemplos de conformidade.

São estas apenas algumas indicações; fio que a vossa habilidade de mestres e conhecedores do meio escolar os multiplicará facilmente auxiliando a obra meritoria do Governo e impregnando do mais sã patriotismo as vossas lições.

Para tornar fecunda a tarefa, juntareis a palavra à ação, incrementando a assistencia, em todas as suas modalidades, na escola.

Nesse sentido, encareço a necessidade de fazerem as caixas escolares distribuição de alimento, vestuario, calçado e medicamento aos alunos carecentes de amparo.

Estou certo de que, consciante de vossos deveres de brasileiros e de mestres, dareis cabal desempenho à grave e urgente tarefa, de que ora vos incumbo.

COSTA SENA, Diretor.

# O HINO NACIONAL NAS ESCOLAS PRIMARIAS

A proclamação da Republica no Brasil, como sôe acontecer com todas as revoluções, fez nascer o prurido da destruição de quanto pudesse lembrar o regime decaído. Os iconoclastas mudaram nomes de estabelecimentos, inutilisaram emblemas, chegando mesmo a pensarem na destruição da estatua de Pedro I, convencidos de que a consolidação da nova forma de governo dependia muito de tal modo de proceder.

Nada se poupou; os proprios simbolos da nossa nacionalidade: bandeira, hino e escudo sofreram ataques inclementes dos adeptos dessa doutrina.

Certo teriam de ser modificados, porquanto simbolisavam tambem uma outra forma de governo. Taes medidas no emtanto, não deveriam ser postas em pratica com o intuito exclusivo de destruir mas com o de adaptar, afim de ser evitado o que se deu, os avanços e recuos antes de ser conseguida a modificação definitiva.

Sobre a bandeira fortes discussões se travaram, ainda hoje renovadas, após quasi decorrido meio seculo, no sentido da substituição por uma outra a pretexto de ser a atual um produto de ferrenho sectarismo.

Discutiui-se o dispositivo das estrelas que representavam as condições do ceu brasileiro no dia da proclamação.

Estava errado, diziam os eruditos, e o erro se manteve até hoje, quando foi conseguida a correção.

Não se poupou o Hino Nacional! Houve mesmo a tentativa de substitui-lo por um outro. Concursos foram organizados e premios estabelecidos. Não obstante, porém os ardores dos empreiteiros de tal tentativa o fracasso veio coroar-lhes os esforços. E a imortal obra de Francisco Manoel continuou a nos fazer vibrar a alma com as suas notas marcias e ardorosas. Assim o quiz Deodoro da Fonseca, não admitindo desaparecesse um Hino ao som do qual o Brasil festejou sempre todas as vitorias conquistadas!

Quanto à sua letra, porém, uma transformação completa se fazia necessaria. E após novo concurso foi escolhida a de Osorio

Duque Estrada, a qual, não obstante este resultado foi relegada para o esquecimento como sucedera com a da monarchia.

Nem mesmo da sua officialisação se tratou. A nossa ignorancia sobre a letra do Hino Nacional era a mais completa e absoluta, ninguem a conhecia.

Nas escolas e nas proprias forças armadas, principaes elementos capazes de populariza-la esse desconhecimento se fazia sentir de um modo lastimavel!

Em dias de Agosto de 1911, conversando com distinto official de marinha, comandante da Linha de Tiro Naval da Ilha do Governador, sobre as falhas do nosso patriotismo e o modo de concretisa-lo, veio à baila falarmos dessa triste e dolorosa ignorancia.

Verberámos o descuido dos poderes competentes nesse modo de proceder. E, para corroborar a sua perniciosidade relatou-me, o digno militar a situação deploravel em que se vira juntamente com alguns colegas, quando, nos arredores de Toquio na casa de uns camponios, lhes foi solicitado cantassem o Hino Nacional.

Não o puderam fazer, ignoravam sua letra! Era doloroso. Inspetor Escolar, tendo sobre os hombros o peso de graves responsabilidades no preparo civico dos pequeninos brasileiros que frequentavam as escolas do distrito a meu cargo, experimentei a mais profunda tristeza ouvindo o meu amigo e compreendi bem a necessidade imperiosa de uma atuação no sentido de corrigir tão grave falha.

Era diretor de Instrução o Dr. Alvaro Baptista. Certo de que, pelo seu carater, pelas suas altas qualidades de sincero patriota, não vacilaria em aceitar qualquer sugestão tendente a corrigir falhas graves nos processos educativos postos em pratica nas escolas publicas, enviei-lhe a 17 de Agosto de 1911 o seguinte officio sob o n. 21:

«Sr. Diretor—A ignorancia absoluta da letra do Hino Nacional, pelos brasileiros, ignorancia criminosa e censuravel compeliu-me a sugerir-vos a idéia de, se todo não corrigir este mal, pelo menos prepararmos as

gerações futuras de modo a evitar nela permançam por mais tempo.

O uso de canticos nas escolas, obedecendo a fins quer higienicos quer patrioticos não deve ficar ad libitum dos professores que, se algumas vezes os arranjam em condições de satisfazerem aos fins colimados, outras são banalidades que nada traduzem, nenhum serviço prestando

A uma comissão competente deveria ser entregue a missão da escolha dos canticos escolares. Não é nosso intuito analisarmos os que são usados mas encarecer a necessidade imperiosa de conseguir que o Hino Nacional seja o cantico obrigatoriamente usado nas escolas. Tendo passado por uma rigorosa reforma sua letra de modo a desaparecer por completo quer a extravagancia dos versos primitivos, quer os defeitos de metrica, pode-se hoje, escoimado de todos os defeitos, torna-lo o cantico diario dos alunos.

Não se trata de uma idéa absurda e sem razão de ser, porquanto um fato bastante sugestivo me foi relatado por distinto oficial de marinha, meu amigo e que passo a vos repetir para demonstrar a necessidade urgente de dar execução á proposta que ora vos faço.

Em viagem ao Japão, quando de passeio pelas zonas circumvisinhas de Toquio, o meu amigo e alguns companheiros fatigados se abrigaram numa casa de camponios Após amistosa palestra entraram na apreciação dos hinos de varios paizes, manifestando os nossos patricios o desejo de ouvir o Hino Japonês, ao que se prontificaram, cantando-o com o maximo entusiasmo e circumspeção. Satisfeita a curiosidade dos seus hospedes pediram lhes fosse dada a satisfação de ouvirem o Hino Brasileiro.

Os nossos officiaes verdadeiramente atrapalhados não sabiam como cumprir o justo pedido que lhes fôra feito pois ignoravam em absoluto a sua letra.

A situação era embaraçosa e mesmo ridicula. Que fazer, porém? Um deles mais desembaraçado levantou-se e cantou uma parodia á letra do Hino e cujo inicio é: Laranja da China etc.

Os companheiros do audacioso cantor, perplexos, sem saber se deviam rir ou acompanhá-lo, resolveram tomar esta ultima deliberação ante a maneira respeitosa e solene por que os donos da casa de pé e descobertos, convencidos de que se cantava na realidade o Hino Nacional Brasileiro, ouviam

aquele cantico ridiculo dos nossos patricios em solo estrangeiro!

Nesta situação dolorosa se viram officiaes da nossa Marinha de Guerra cujas funções exigem as mais positivas provas de patriotismo, inclusive o conhecimento rigoroso da musica e letra deste admiravel simbolo da nossa soberania.

E para evitar que taes fatos se reproduzam sou de parecer determineis aos professores seja cantado obrigatoriamente o Hino Nacional no inicio ou ao findar os trabalhos escolares, independente de quaesquer outros canticos, ou somente ele.

Por esta forma estou certo chegaremos a conseguir não só que os alunos das nossas escolas o saibam como o levem aos seus lares, tornando por esta forma muito facil a sua difusão. Saudações.»

Imediatamente o Dr. Alvaro Baptista officiou ao ministro da Justiça, então o Dr. Rivadavia Correia que, após algum tempo declarou não haver letra oficial do Hino e que providenciára para ser enviada ao Congresso Nacional uma mensagem, pedindo esta officialização.

O digno diretor, porém, conhecedor do que havia relativamente ao trabalho de Osorio Duque Estrada, providenciou no sentido de tornar possivel fosse cantado obrigatoriamente nas escolas primarias o Hino existente, muito embora sem a officialização que só decorridos alguns anos foi pelo Congresso votada, isto é, quando, já de ha muito, as escolas e forças armadas haviam conseguido, numa forte propaganda, que por toda parte se cantasse a letra do Hino Nacional de autoria de Osorio Duque Estrada!

Eis porque se canta, obrigatoriamente nas escolas primarias esse admiravel Hino de que tanto nos devemos orgulhar!

Infelizmente uma forte ameaça paira sobre as conquistas já feitas, pretende-se modificar a letra e o que é mais, a musica do nosso admiravel Hino!

Alegam-se defeitos, alegam-se exageros, pedindo-se cortes e substituições!

Não concordamos em absoluto. Por felicidade, o povo é um julgador inflexivel. Quando oficialmente se modificam nomes de ruas ou praças já consagradas pela tradição jamais se habitua á novidade e os primitivos se mantêm até sua volta á officialização!

Ao nosso precioso Hino o mesmo sucederá.

Ele ha de ser sempre a inspirada e da-

## A HISTORIA E SEUS FINS NA ESCOLA PRIMARIA

*Conferencia pronunciada pelo  
Dr. Waldemar Tavares Paes, á  
hora educacional da Radio Inconfidencia, de Bello Horizonte.*

Não precisamos encarecer a importancia do estudo da História na escola primária. Todos os mestres o compreendem e o preconizam como um grande elemento na formação moral e intelectual da criança.

O curso de Literatura Infantil aqui já realizado tão inteligentemente pela distinta professora Marieta Leite, da Escola de Aperfeiçoamento, mostrou, sobejamente, como podemos aproveitar todas as histórias que falam á imaginação fértil da criança, para metodicamente dar-lhes as ideias históricas na sua realidade palpante e viva. Toda criança gosta de histórias. Nós as vemos reunidas, muitas vezes, no lar pedindo ás avosinhas que lhes contem histórias bonitas de fadas ou outras narrações interessantes — «Aquele mamãe, que começa: Era uma vez uma princesa. E, outra, trêfega e inocente, revelando já um sentimento de patriotismo, diz: Essa não, conta aquela do índio, aquela da Yára de olhos verdes. E um moreninho de olhos pretos como jaboticabas, murmura: Não, mamãe, eu quero aquela, daquele homem que, aquele... ora, aquele que matou o passarinho. E a mãe bondosa e meiga responde: A do Caramuru. E toda a petizada num eco unisono repete: O Calamulú, o Calamulú, batendo as mãosinhas roliças.

Assim, muitas vezes, no próprio lar, se

miravel composição musical de Francisco Manoel, sem deturpações, sem enxertos e os versos continuarão a ser os primitivos da inspiração de Osorio Duque Estrada, aprendidos e cantados pelo povo, por toda parte e com todo o entusiasmo.

Ainda bem!

Arthur Magioli

inicia a formação moral da criança através das histórias narradas pelos pais e pelas mães.

Na escola, a sabedoria da professora está na habilidade com que faz a narração, aproveitando as tendências da classe. E, sem dúvida, uma arte difícil. Falar em passado para uma criança que não o tem, e que é um presente em marcha para um futuro promissor, é deveras trabalhoso. Para dar-lhes as ideias abstratas e complexas de progresso, evolução, transformações sociais, políticas e religiosas, é preciso dedicação e tacto. Mais do que isso, bom conhecimento da matéria e da técnica pedagógica exigida para tais mistérios. A criança está sempre apta ou melhor propensa a pensar que o mundo é a sua casa, a sua escola e a sua cidade; que a sua lingua é a linguaagem do universo, que as imagens da sua igreja e as cerimoniaes que nela se realizam são a religião de todos. Para ela o governo será seu pai — a autoridade, o mestre — que tudo no mundo, si é que dêle cogita, uniformemente se passa do mesmo modo, que todos vivem, falam, rezam, vestem e comem como no pequeno orbe em que habita. Assim, de certo modo limitada pelos horizontes e pelos campanários de sua terra, tende por si mesma a julgar todos os fatos sob o prisma de sua imaginação.

Cumpra, pois, ao mestre dedicado, perspicaz, abrir-lhe os verdadeiros horizontes da humanidade, mostrando-lhe os panoramas variados do universo. E poderá fazê-lo, partindo do próprio meio ambiente em que ela vive.

Ora, justamente, a criança é curiosa. Essa curiosidade bem aproveitada dará ao mestre ensejo para ensinar, e material copioso para ministrar á criança todas essas ideias abstratas, concretizando-as em realidades vivas, o desenvolvimento do homem através do tempo.

O menino traz para a escola desejos, an-

seios próprios da alma infantil e todos os tesouros do seu coração devem ser aproveitados, transformando-se pela ação do professor em entusiasmos sadios.

Na biografia dos grandes homens e nos exemplos dos nobres vultos da humanidade, encontrarão os educadores farta messe de ensinamentos e de lições para que seus discípulos sintam o estímulo para realizarem atos e obras dignos de sua classe, de sua escola, de sua família, de sua cidade e de sua pátria.

Cada página de história é um breviário de energia, generosidade, civismo e amor, bondade e otimismo. Tudo isso deve ser transfundido através do mestre ao coração e ao cérebro infantil. Fazer a criança sentir e viver a alma de sua gente, da sua raça e da sua religião.

A memória viva, a imaginação volúvel e a atenção dispersiva e a alegria ruidosa da infância devem ser orientadas no sentido de compreensão metódica do patriotismo, que implica abnegação, desinteresse, ideal, solidariedade, coragem, sacrifícios. O nosso grande defeito pedagógico é ensinar uma matéria morta, inexpressiva, simples nomenclatura, catalogando datas, mecanizando, por assim dizer, a vida do passado.

Ou, então, inversamente, formando um sentimentalismo pelo exagero de certas figuras, sem dar ao aluno oportunidade de raciocínio, de modo que ele pense que tudo aquilo é inacessível aos modernos. Isto gera o desprezo pelo passado. O caminho, pois, melhor será este: Da inteligência ao coração.

O estudo da história deverá formar o espírito do menino, preparando-o para a vida social da qual é uma parcela e para a qual a escola o enviará forte animo, corajoso, despreendido, virtuoso.

A história e a escola com a sua história farão do menino o cidadão.

A história educa, ensina — dá hábitos de raciocínio — comparação e julgamento.

Compreendendo sua terra, sua formação, seu desenvolvimento, suas glórias, suas tristezas e alegrias e o trabalho dos seus antepassados, saberá, que o que hoje ele gosa, é o fruto do labor das gerações que se foram.

A história ensina à criança a compreender a pátria sem sentimentalismos piégas, sem egoísmos, sem exageros poéticos.

Aprenderá a lição da experiência dos mais velhos — gostará de sua terra como gostá de sua mãe — de seus irmãos. Desenvolveremos assim criteriosamente, sabiamente, o sentimento de patriotismo inato na criança. Verá na

Pátria o reflexo de sua família, pois que ela nada mais é do que uma grande família e que todos são irmãos — pois falam a mesma língua — sentem as mesmas tradições e habitam o mesmo território. Casa abençoada e feliz, grande e imensa é a Pátria, na eterna multiplicação dos lares que uma bandeira só abençoa e cobre nas suas dobras de ouro e verde.

A iniciação histórica deve ser feita paulatinamente. O professor fará ver ao aluno com singeleza e simplicidade que a vida dos povos e das nações é de certo modo semelhante à vida de todos nós. Na escola, vocês têm os seus diários onde registram tudo o que acontece. A história é o grande diário da vida de todos os povos. Assim como cada um de vocês têm os seus dias de nascimento, do batismo, da primeira comunhão, da entrada na escola, dias alegres e tristes, de paz e de lutas, assim também o Brasil e todo o mundo têm esse grande grande livro onde se escrevem fatos notáveis.

Os povos e as nações são como nós: nascem, vivem, crescem, morrem, fazem atos bons e máis.

A história dos povos é como a nossa história, da nossa casa, da nossa escola, da nossa cidade, da nossa pátria e do nosso continente. Está assim bem focalizada a ideia real da história.

Em casa vocês ouviram falar dos seus avós que talvez muitos não conheceram. Viram seus retratos nas salas de visitas. Vocês não estimavam conhecê-los?

E aqui poderá se travar um diálogo interessante na classe que regerá proveitosamente. Então concluirá a professora: Vocês amam seus antepassados porque eles foram bons e lhes deixaram casas, cidades, escolas, fazendas, etc.

Assim, pois, vocês conhecendo bem a história do Brasil saberão amá-lo melhor e terão desejos de servi-lo amanhã.

Dêste modo, sem se fatigar o aluno vai aos poucos se integrando no conceito do tempo e do passado.

Nota-se em geral que a criança dificilmente compreende a ação cronológica — Si ha por aí tanta gente anacrônica.

Há tempos um professor narrou-me um caso interessante. Num curso de admissão um aluno vindo de um Grupo Escolar fazia uma prova de história. O ponto sorteado trazia essa pergunta: Que fez D. Pedro I no Brasil?

A resposta foi esta: «D. Pedro II, depois da Independência, partindo do Rio yeiu a Bello Horizonte, onde fundou Escolas Normais, Ginásios, Arnaldos, Grupos Escolares Pedro II e outras escolas.»

Vi essa prova que nos proporcionou boas e deliciosas risadas, mas também uma ótima observação pedagógica, com a qual não sei si estarão de acôrdo.

O anacronismo claro na resposta é de certo modo desculpável no menino de onze anos e pouco, segundo me informou o meu colega, filho de pais estrangeiros, e cujo passado é nulo.

No meio de toda essa salada histórica deliciosa para desopilar o figado, o pequeno revelava certa inteligência, pois adaptou o passado ao presente, pois estávamos justamente no período aureo da reforma Francisco Campos, quando o assunto do dia era a fundação de escolas e inaugurações de grupos,

Ele saíra do grupo e viera para um Ginásio. Ora, se existiam aqui Ginásios e Escolas e Grupos, que ele, na sua resposta julgava ser grandes melhoramentos — êsses só podiam ser obra do trefego e amoroso D. Pedro I.

A conclusão era infantil, mas era de certo modo inteligente.

E eu disse ao mestre que comigo sorria: Orienta bem esse menino que ele será um bom aluno.»

Aí está, sras. professoras, um exemplo frizante do perigo do ensino verbal da história que infelizmente ainda se pratica entre nós, tanto na escola primária como na secundária.

O ensino da história deve ser objectivo, real, vivo. Ressucitar o passado impregnado de vida, já que ele é morto.

O aluno tendo a idéia nitida do passado

compreenderá melhor o presente que, para ele é sua própria vida.

Na escola primária pois, a finalidade da história é: acessoriamente:

Entusiasmar a criança para que ela possa através de sua emoção ter a imagem do passado.

Formar-lhe sentimentos de pátria, solidariedade — progresso — civilização.

Dar-lhe essencialmente oportunidade para raciocinar, julgar e comparar.

Em resumo a história: educa, recreia, desenvolve a inteligência, estimula ao estudo.

Estudo ativo, a história visa desenvolver as faculdades intelectuais e formar o coração da criança para que amanhã no gozo de sua cidadania realize os mesmos feitos heróicos que a história lhe ensinou porque ela é na expressão de Cicero «A mestra da vida.»

Pela história faremos as nossas crianças bemdizer a sua sorte de ter nascido em uma pátria gloriosa que saberão amar com «fé e orgulho» — na expressão de Bilac.

#### BIBLIOGRAFIA

- Lectures pedagogiques — de Bremond.  
 Como se ensena La Historia — Teófilo Sanjuan.  
 Faria de Vasconcellos — Uma Escola Nova Belgica.  
 Jonatas Serrano — Metodologia da História na Escola Primária.

## ESCOLA NORMAL RURAL

### “O Brasil é um país essencialmente agrícola”

Esta é a frase confortadora pronunciada e repetida toda a vez em que se trata do futuro de nossa pátria.

*Rumo ao campo!* E' uma divisa de fé, um convite tentador, mas... os campos inda continuam despovoados, não passando a agricultura de pouco mais que ficção.

A mocidade, mal vencidos os primeiros passos na vida, empluma logo os sonhos de viver nas cidades, sob a custódia de um emprego público, no horror que mal pôde ocultar a tudo que se prenda à vida campesina.

Os próprios colonos de sítios, explora-

dos por senhores quasi feudais, mal os filhos crescem, mandam-nos para a cidade para serem *qualquer coisa*, fugindo do inferno verde que para eles é a lavoura.

E, dia a dia, vão os campos despovoando-se. Ora são rapazes que, vindo fazer o serviço militar, não mais voltam aos labores da agricultura, ora raparigas que preferem escravizar-se nos serviços domésticos que lhes dão lazeres para cinemas e bailes, em troca da liberdade do seu pequeno sítio.

Por que esse exôdo si o Brasil *tem de viver um dia a custa de seus campos?*

O mal é remotíssimo. Os ricos senhores, com escravos nas terras e no eito, enviavam os filhos à Metrópole num esbanjamento de ouro.

Imitando-os, o pequeno sitiante depois, humilde que fôra, fazia sacrifícios ingentes para ter um médico, um advogado ou um padre na família, influenciando tacitamente para a fuga do campo.

E, de geração em geração, até nossos dias, deflue das fazendas para as cidades o que elas têm de melhor na sua juventude, ficando as terras entregues aos velhos cansados para o trabalho e para o progresso.

Mas isso assim não pode continuar. Urge exigir da terra o que ela tem de nos dar. E' mister encontrar-se o tesouro guardado pelos antigos pagés, tesouro êsse que será achado no revolver e no semear dos campos e convertível depois no mais legítimo ouro.

Não é de agora o trabalho brilhante da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres no apêlo aos campos a todos os brasileiros.

Mas não basta. E' preciso um interesse real das administrações nesse sentido espo-sando e transformando essas idéas em fatos cujas realizações darão frutos opimos.

A criação de uma *Escola Normal Rural* é o primeiro passo que deve ser dado. A criança precisa aprender a amar a terra, saber tirar dela o tesouro verde que possui, numa palavra, cultivá-la com amor.

Mas a criança só aprenderá isso, quando fôr ensinada por *mestres que amem realmente o campo, que vivam nêle, que se sintam felizes no ambiente que lhes é proporcionado aí.*

Embora rezem em todos os programas *o interesse pelo campo, o amor à lavoura, etc., etc.,* o mestre, que está ansioso em deixá-lo, pouca influência terá no espírito de seus alunos que, mesmo sem ouvi-lo, sabem, pressentem a repulsão que á vida agrícola vive na alma de seu professor. Por isso, a criação de uma *Escola Normal Rural* urge.

Com todos os planos de uma boa escola de professores, ela abrangeria um curso de quatro anos onde o ensino de agricultura seria perfeitamente dosado e sistematizado. Os

professores diplomados por essa Escola só poderiam ter ação em zonas agrícolas, onde a par da alfabetização, iriam espalhando os seus conhecimentos de agricultura.

Exemplifiquemos.

Fosse a Escola Técnica Secundária de Santa Cruz transformada em Escola Normal Rural ou, pari-passu a êssa Escola Secundária fosse creada uma Escola Normal de Ruralismo nêsse local; admitidos alunos e alunas diplomados pelo Departamento de Educação em exames finais de instrução primária, submetidos a provas de seleção, iniciariam um curso de quatro anos, como o da antiga Escola Normal, acrescido do ensino de agricultura.

Aulas praticas seriam dadas em horas independentes e, no final dêsse curso, ser-lhes-ia entregue um diploma de *professor primário de zona agrícola*, com exercicio unicamente nessas regiões.

Dessarte desapareceriam as chamadas escolas de estagio. Não haveria necessidade do proclamado *tempo dobrado* e tampouco o *minguadissimo auxilio para condução*. Não teria a Municipalidade de pagar mais *trinta por cento aos professores que servem em zona rural*, como tambem estaria isenta da *ajuda de custo e cinquenta mil reis aos citados professores para moradia* na localidade da Escola. E maior e melhor das vantagens: as escolas estariam sempre servidas de professores que, brilhantes tambem, não viveriam contando os dias para a sua transferencia e muito concorreriam para o progresso das zonas rurais. O exôdo para a Capital não mais se faria. As escolas primárias teriam os seus mestres que, forçosamente, iriam, de aperfeiçoamento a aperfeiçoamento, encontrando os meios de tirar do campo o tesouro inestimavel que êle esconde.

E as lavouras se multiplicariam. Ora laranjais a perder de vista, ora a citricultura, ora a sericicultura e mesmo até a piscicultura nas zonas praeiras, tudo, tudo cresceria para o encanto e engrandecimento do Brasil.

E o povo carioca, vivendo do campo e para o campo, teria ensejo de um a um, amedando os seus esforços, garantir o futuro dos filhos e a grandesa de sua terra, sem a necessidade de um emprêgo vitalicio, mas sem horizontes e com todo o encanto que uma vida simples lhe poderia dar.

LEONOR POSADA.

## A ESCOLA E O MESTRE COMO FATORES DA CIVILIZAÇÃO

A escola de hoje não poderia, de facto, exercer, exclusivamente, o seu papel como guardiã da cultura e das tradições da raça. Acompanhando o ritmo das transformações que se vêm verificando em todo o mundo moderno as escolas brasileiras ter-se-iam de adaptar e readaptar ás correntes evolutivas norteando-se por directrizes que conduzam e preparem o futuro cidadão para o dinamismo crescente das épocas que se sucedem.

Os meios de aquisição e conhecimentos firmando-se na pesquisa e na observação preparam o individuo para uma realização conciente, que brota de um pensamento espontaneo e que se vae expandindo e coordenando com um sentido mais amplo, que imediatamente se completa, e define na objetivação da idéa creadora, obedecendo ao impulso de uma nova técnica, adquirida na experiencia e applicação constante dos novos metodos e processos, em permanentes modificações. Esses fenomenos que se realizam por meio de ações e reações, que se derivam do desejo do aperfeiçoamento social, constituem a marcha para a civilização. E essa marcha, esse permanente refazer, essa reconstrução, jámais cessára. Cresce na razão dirêta do refinamento do proprio individuo, do reconhecimento dos valores e se avoluma á medida que a humanidade, alargando os seus conhecimentos, enriquece a sua intelligencia, tornando-se mais exigente pela melhor compreensão da vida, que passa a ter uma finalidade mais ampla e menos egoista. Surgem, então, novos problemas como consequencias logicas das novas descobertas scientificas, das creações mais ousadas, das necessidades economicas mais prementes do novo sentido dinamico da vida. E, tanto mais complexas essas novas exigencias materiaes e mentais, quanto mais refinado o espirito do novo homem, quanto mais aguçada a sua intelligencia, quanto mais profundo o seu poder de analisar, sintetisar e coordenar, quanto mais imperiosas suas novas tendencias e aspirações que se não contentam mais em permanecer no terreno da imaginação e que se manifestam por uma atividade dirigida que exige um resultado imediato e compensador.

Cabe á escola, modernizada em seus me-

todos, fornecer o material de que necessita o homem do futuro para vencer nas lutas de amanhã, que serão sempre e cada vez maiores, dada a evolução do tempo e os problemas que se crearão, oriundos das exigencias da perfectibilidade. Para que a escola possa cotejar, medir, avaliar, auxiliar e resolver esses problemas, fazendo luz nos pontos obscuros, torna-se necessario prove-la sempre de mestres competentes, que tenham, em si, permanente, o desejo de evoluir, que se sintam, fundamentalmente integrados á propria função de educar para a vida, orientando-se por um ideal concreto, e não se deixando afogar por fantasias momentaneas ou decisões arbitrarías e prejudiciaes ao soluçionamento dos problemas educativos.

Tornemos, para eficiencia da escola, cada vez maior, o nosso exercito de educadores esclarecidos e conscientes, de que não podemos prescindir para a perfeita harmonia ascensional que firmará o progresso da humanidade através a obra da intelligencia, do coração e do carater, que é a obra da educação.

Para que esse movimento regenerador, de verdadeira reconstrução economica, moral e intelectual, se opere, urge cuidar de ampliar a cultura do professor, sobretudo do educador primario, formando-lhe, nos bancos das escolas de professores ou de especialização, a personalidade psicologica, afim de que se possa habilmente, utilizar, na educação de seus alunos, dos processos psiquicos experimentaes mais de acôrdo com as caracteristicas individuais, empregando, ao mesmo tempo, uma metodologia de acôrdo com as necessidades mesologicas. Dotado de intelligencia para crear, de discernimento para observar e deduzir, de autonomia para experimentar, de poder de persuasão e sentimentos civicos para convencer, de consciencia e reflexão para seleccionar e de personalidade para agir, o educador tem necessidade constante e crescente de habilitar-se em todas as técnicas que lhe facilitem a ação no meio onde vae exercer sua atividade. E, se o educador, cuja atividade se exerce nas escolas da cidade, precisa desse conhecimento, das técnicas e especializações, de que cabedal de conhecimentos não deve estar pro-



# "MIUDEZAS DE HISTORIA PATRIA"

## NÓTULAS DE DIVULGAÇÃO

U'a aluna da Escola Paulo de Frontin pede-me, em carta, algumas informações relativas ao fim da vida de dois vultos que têm seus nomes intimamente ligados ao descobrimento de nossa terra — Pedro Alvares Cabral e Pedro Vaz Caminha, o descobridor e o escrivão da armada, no dizer da missivista.

Passo para aqui o que sei do assunto, que é pouco, e recomendo a minha consulente se dirija, para maiores esclarecimentos, a um dos professores de História de nossa E. Paulo de Frontin.

A esquadra de Cabral, depois do descobrimento, velejou de Porto Seguro aos 2 de maio e aportou a Calecut no dia 13 de setembro de 1500.

Aos 16 de janeiro de 1501 partiu a esquadra de Cananor para Lisboa, onde chegou aos 31 de julho. Logo depois de seu regresso, foi Cabral convidado para chefiar a armada que, em 1502, novamente partiria para o oriente e aceitou o convite. Mas ao ter conhecimento de que Vicente Sodré «que de sua bandeira, com cinco náus o separava, dando-se por ofendido, não aceitou o encargo.»

Houve forte estremecimento de relações entre Cabral e o rei e essas relações, para assim dizer, não mais se restabeleceram.

Afonso de Albuquerque (Albuquerque o terrível de que nos fala o magno poema), tio da esposa de Cabral, amigo pessoal de D. Manoel, a êle escreveu uma carta (1514) lembrando-lhe as altas qualidades de Pedro Alvares, «mui bom fidalgo», «bem avisado»... Cabral casou-se depois do descobrimento, em 1502 ou em 1503.

Diz Gaspar Correia que o rei prometera desagrar Pedro Alvares no tangente ao desentendimento a propósito do comando de Vicente Sodré. Não houve, porém, tal desagrar e parece também que a carta de Albuquerque não modificou a situação de Cabral que, em 1509, se retirou para Santarém, onde foi tratar de suas propriedades agrícolas, que então se ampliaram.

No livro de Matrícula, do primeiro trimestre de 1518, aparece o nome de Cabral,

por onde se vê que êle ainda vivia. Em 1520 já era defunto. Há uma carta régia pela qual o rei concedia uma tença de 30.000 riais à D. Isabel de Castro em atenção aos muitos serviços de seu falecido marido.

Foi o descobridor enterrado em cova rasa, em Santarém. No ano de 1529 sua viuva adquiriu, dos frades graciosos, na igreja da Graça, ou de N. S. da Graça, na referida cidade, a capela de S. João, entre a capela-mór e a sacristia, para jazigo seu e de seus ascendentes e descendentes.

Numa parede dessa capela foi posta u'a lâmina onde se gravaram estas palavras: «Aqui jaz pedralvares cabral e dona Isabel de castro sua mulher cuja he esta capela he de todos os seus erdeyros aquall depois da morte de seu marydo foy camareyra mor da infanta dona marya fylha del rey dõ João nosso Senhor ho terceiro deste nome.»

Em 1839 nosso grande historiador A. Varnhagem visitou êsse jazigo, que, em 1882, foi aberto para verificação de seu conteúdo, para a identificação dos diversos esqueletos ou, melhor, das diversas ossadas, o que não pôde ser convenientemente feito.

Em 1902, o advogado brasileiro Alberto de Carvalho, que passava algum tempo em Portugal, foi ver o túmulo do descobridor e ficou tristemente impressionado com sua pobreza, ou com sua umildade. Resolveu promover a construção de um jazigo condigno, de um moimento, e começou tentando nova pesquisa para identificação dos ossos. Logrou a nomeação de um juri oficial que, ao concluir seu trabalho, aos 14-3-1903, declarou ser impossível dizer, dentre os ossos encontrados, quais eram os de Cabral.

Foram os despojos colocados numa urna de pedra, que, depois de fechada, desceu à cripta.

Da terra, ou do pó, que se encontrava no sarcófago, Alberto de Carvalho tomou um punhado e pôs em duas urnas de mogno forradas de metal. Uma delas ficou em Lisboa, a outra veio para o Rio e foi oferecida à Catedral Metropolitana.

Num dos corredores de nossa catedral há u'a lápide com esta inscrição, em linguagem descuidada:

Aos 30 de dezembro de 1903 sendo arcebispo da arquidiocese D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti foi aqui depositada uma urna dupla de chumbo e madeira, contendo resíduos mortuários de Pedro Alvares Cabral descobridor do Brasil, extraídos aos XIV — III — MCMIII, de sua sepultura na Igreja de N. S. da Graça de Santarém, em Portugal, onde desde o ano de 1529 achavam-se em jazigo de família, trazidos e doados a esta catedral pelo Bac. Alberto de Carvalho.»

Nosso patricio promoveu uma subscrição para restaurar a capela onde se encontram as venerandas cinzas do descobridor do Brasil. Na parte da igreja, que se chamava capela de S. João e hoje é dita capela de Cabral, foi colocada u'a chapa de bronze, com estes dizeres:

«A restauração desta capela de S. João Baptista, onde repousam os restos mortais de Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brasil, foi feita, em parte, com o produto de uma subscrição popular de iniciativa do Dr. Alberto de Carvalho, aberta no Brasil pelo «Jornal do Comércio» do Rio de Janeiro, e completada a expensas da Sociedade de Geografia de Lisboa, que aceitou o encargo de a mandar restaurar, ficando concluída e sendo inaugurada em 7 de Setembro de 1911.»

O promotor da tocante homenagem ao chefe da armada que aqui aportou aos 22 de abril de 1500 decaiu, materialmente, e em julho de 1918, como indigente, faleceu numa enfermaria de nossa Santa Casa de Misericórdia.

\*\*\*

E' comum que se dê Pedro Vaz de Caminha (ou Pero Vaz de Caminha, na linguagem de 1500), como escrivão da armada. João Ribeiro na «História do Brasil», escreve: «...relação da descoberta, escrita pelo escrivão da armada Pero Vaz de Caminha...» (Pág. n. 33 Edição 11.ª). «e Pero Vaz de Caminha, escrivão da armada...», «...da carta de Vaz de Caminha, que é o único documento do tempo e de autor presencial dos sucessos e cuidadoso, pois era a sua profissão, em narrá-los.» (Pág. n. 34. Passim).

Também no *Fabordão*, na legenda de um *Fac-simile*, pág. n. 231, lê-se: «da carta de

Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Pedro Alvares Cabral...»

O «Fabordão» é de 1910. Antes de aparecer a 11.ª edição da «História do Brasil», que é de 1928, quando ela atravessava o prelo, João Ribeiro, conversando comigo, falava-me de certo trabalho de um argentino Luis Domingues, aparecido em *La Biblioteca* de Buenos Aires, no ano de 1897, trabalho onde se chama a carta de Caminha apócrifa, prolixa e se dá seu autor como secretário de Cabral.

Recomendou-me João Ribeiro a leitura de um artigo em o tom n. 71 da «Revista do Instituto Histórico», de 1908, escrito onde o príncipe de nossos sabedores de história pátria, Capistrano de Abreu, estuda a origem de Caminha, o modo como foi êle nomeado escrivão da feitoria a fundar em Calecu. Mostra Capistrano que Pedro Vaz não foi secretário de Cabral, nem escrivão da armada. Era amigo do rei e vinha como passageiro da nau capitânea, em convivência com o chefe, que o considerava a ponto de admiti-lo no conselho de capitães da frota.

Era ao ser nomeado escrivão da feitoria a instalar-se, «mestre de balança da moeda», da cidade do Porto, nomeado por Afonso V, dias depois da batalha de Toro. No mesmo dia o rei, sob cuja hoste Caminha pelejou, nomeou o cavalheiro de sua casa.

Vimos que Pedro Vaz chegou a Calecu aos 13 de Setembro. Entrou logo no exercício de sua função.

A 12 de dezembro de 1501, ou a 16, leio em Capistrano: «foi ali assaltada a feitoria e mortos quase todos os portugueses nela encontrados. Pero Vaz de Caminha foi um deles quicá; em todo caso, morreu na India, em serviço de el-Rei, segundo uma carta régia de 3 de dezembro de 1501.»

A famosa epístola de Caminha, a primeira coisa escrita sob o céu do Brasil, era uma carta de empenho, assim rematada: «...peço que por me fazer singular mercê mande vir da ilha de S. Tomé Jorje Dosório, meu genro, o que dela receberei em muita mercê.»

Não se sabe se D. Manoel mandou, atendendo ao pedido de Caminha, que Osório voltasse de S. Tomé. Sabe-se que, em 1496 o monarca perdoou a Osório uns crimes pelos quais andou êle homiziado por 5 ou por 6 anos.

Em 3 de dezembro de 1501, D. Manoel nomeou um filho de Jorje Dosório, filho que tinha, ao ser nomeado, apenas 5 anos de idade:



«El rei fêz mercê do cargo de mestre da balança a Rodrigo d'Osório, neto de Pero Vaz de Caminha, que ora faleceu na Índia onde o enviamos, confiando dêle que *tanto que for de idade* para isso o fará bem como a nosso serviço e bem das partes pertence, e querendo lhe fazer graça e mercê, visto como seu avô morreu em nosso serviço.»

E' explicável que nos trabalhos aparecidos antes do de Capistrano se diga que foi Caminha escrivão da armada.

Porto Seguro chama a Caminha «cronista do descobrimento», o que está certo, uma vez que não lhe dá qualificativo de oficial.

O aparecer Caminha na *História* de João Ribeiro como «escrivão da frota» é prova de que o mestre não fêz a revisão do livro, visto que, ficou dito, conhecia o trabalho de Capistrano, dado a lume em 1908. E' possível que ao publicar o *Fabordaão* ainda não tivesse lido a Revista do Instituto Histórico com o escrito do nosso Heródoto...

O actual cateadrático de História do Colégio de Pedro II. senhor Jônatas Serrano, não leu o escrito de Capistrano ou, se o leu, com êle não se conformou. Em seu bem elaborado livro didáctico — «História do Brasil», de edição da livraria Briguiet, de 1931, vê-se: «Pero Vaz de Caminha, escrivão da armada, autor da *Carta*, em que narra a descoberta do Brasil...» (Pág. n. 36).

Rio, setembro de 1937.

PEDRO A. PINTO.

## Educação Moral e Cívica

### DIVISÃO DOS DEVERES

Nossos deveres são habitualmente divididos em *grandes e pequenos*, mas sob o prisma da consciencia todos elles são importantes, não ha deveres grandes e deveres mínimos ou desprezíveis. Ferimos a consciencia todas as vezes que violamos um delles, ainda que dos ordinariamente tidos por menores.

Pequenos na apparencia, os deveres, mais

elementares são de grande importancia, porque formam a propria trama da vida quotidiana. São muito mais faceis de cumprir; mas si os desprezamos, logo aprenderemos a abandonar e esquecer tambem os grandes.

Não existem, em verdade, pequenos deveres, mas coisas de pequeno valor, a que se applica o dever: a omissão ou a violação tem em taes coisas minimas o mesmo valor, ou quasi o mesmo, que nas coisas maximas.

Os deveres distinguem-se mais propriamente por seu objecto do que pela sua propria natureza ou inspiração. Temos, então, os *deveres individuaes* e os *deveres sociaes*.

Os *deveres individuaes* ou *personaes* referem-se a nós proprios: á direcção de nossos pensamentos, de nossa vontade, de nossos sentimentos, ao dominio de nossas paixões, a todos es actos e sentimentos, enfim, que apenas interessam a nossa propria pessoa.

Podem referir-se á vida physica, á vida intellectual, ou á vida moral.

Que deveres são esses, em particular? A conservação e o aperfeiçoamento do corpo e da vida, em suas admiraveis funcções, e mais a prudencia, a previdencia, a temperança, a coragem, a paciencia, a resignação, e outros.

Os *deveres sociaes* referem-se a todas as nossas relações com os demais individuos, seja na familia, seja na patria, ou na humanidade em geral.

Multiplos são, nesta ordem de idéas, os deveres. Tão numerosos e complexos quanto as relações que existem entre os homens. Deveres particulares para com os filhos, os paes, os amigos, os vizinhos, os extranhos, os inferiores ou superiores; deveres inherentes ás diversas profissões, etc.

Dahi, pois, a divisão da moral particular, sciencia dos *deveres*, em dois grandes ramos: *moral individual*, ou *personal*, e *moral social*.

Mas em sua enorme maioria admitem os homens a existencia de um sêr superior, *Deus*, seu creador e modelo para seu aperfeiçoamento, e para com o qual tambem têm numerosos deveres. Forçoso é, pois, admitir um terceiro ramo, a que ordinariamente chamamos *moral religiosa*; seu estudo e seu ensino competem mais á familia, aos sacerdotes e ás instituições por estes organizadas e dirigidas; aqui teremos de considerar apenas os outros dois grandes ramos.

OTHELO S. REIS.

## TRES PALAVRINHAS

**EXITO.** — Ouvi há dias alguém pronunciar *éxito* (e aberto). Era um locutor de rádio. Os linguas do sem fio são atualmente os mais fecundos produtores de «batatas». Não é *éxito*, e sim *éxito* que se diz. Sempre se pronunciou fechado esse *e*, syllaba tónica.

**ALGOZ.** — Misericórdia, senhores do rádio. Melhorem sua prosódia, lembrem-se que estão sendo ouvidos por milhares de pessoas e que muitas são faceis de suggestionar e sempre prontas a repetir as extravagancias que ouvem.

Não é *algôz* que se diz, e sim *algôz*! Demais, ouvi tambem o *algôz* de alguém que se tem por sapiente, e por titulo official é professor!

**FERETRO.** — Parece que me estou a divertir com os leitores, inventando pilherias, que attribuo aos locutores do rádio. Mas o facto é que já vai despertando a attenção de todos que observam: o rádio está a tornar-se poderoso meio de deseducação da linguagem. Será preciso que os responsaveis pelas nossas emissoras tomem providencias. Ou sujeitem a provas rigorosas os seus linguas, ou lhes mandem ministrar cursos de orthopedia linguistica.

Pois, senhores, ouvi dizer *féretro*! E' inteiramente absurdo, mas ouvi *féretro* em vez de *féretro*.

MESTRE-ESCOLA.

## O Club Agricola como colaborador do ensino na escola primaria

O Clube Agricola, nas nossas escolas rurais, já não é um ensaio, uma visão. Muito ao contrario, proporciona-nos somma de beneficios bens apreciaveis. Tem exigido esforço, paciencia, coragem, porquanto nos tem faltado um estímulo sério do governo; porém, temos sabido querer com firmeza e si o temos sabido querer é porque o Clube Agricola é, de facto, um admiravel colaborador do ensino na escola primaria. Provas evidentiſsimas temos

colhido das contribuições de alto alcance que o «Clube Agricola» oferece aos programas. Em primeiro logar é admiravel condutor da aprendizagem objetiva, o ideal da pedagogia moderna. Além disso, conduz com segurança constituindo o crescimento fisico, mental e social dos alunos. Entre as escolas e o meio deve haver um traço luminoso de harmonia, traço esse que, partindo do lar, rastejando pelas condições do ambiente, vá gradualmente, subindo, e indicando ao homem de amanhã as variantes da ascensão, as tonalidades do progresso, as possibilidades do triunfo no campo das realizações. Parar é retroceder, por isso, no momento em que tudo cresce, e o ideal da educação, na zona rural, gira em torno da formação do homem de amanhã de modo a saber defender-se, defendendo ao mesmo tempo, a economia nacional, não é utopia pensar no «Clube Agricola» como o incentivador, propulsor e colaborador do ensino na zona rural.

Para o homem do campo, que maior interesse existe do que, aquele que se relaciona com a lavoura? Cabe, então, á escola primaria firmar-lhe as tendencias afim de que concorra eficientemente, para a felicidade e integridade do Brasil. Bem sei que, até agora, nada mais temos feito do que uma experiencia, lançando em terra a semente e despertando um problema que, vital para o Brasil, ainda não conseguiu, entretanto, animar os poderes publicos a vir ao encontro de sua solução mais rapida.

Mas, é preciso que meditemos um pouco: as nossas minas de ouro vão escasseando; e só na valorisação do ouro verde que brota ás mãos cheias do nosso sólo uberrimo, podemos confiar. Com o nosso entusiasmo sadio atiramo-nos, por esse motivo, á luta. O problema, pela sua magna importancia, de necessidade imperiosa, mais cedo ou mais tarde se imporá á attenção dos administradores.

A máquina está modificando, profundamente, a estrutura da vida e o lavra- ma intressante; no Clube Agricola escolar aprende a combater a lagarta rosea, a broca e outros animais que destroem as plantações.

**Valor Economico**

Sob o ponto de vista economico o escolar habitua-se a aproveitar-se dos vegetais e de seus produtos, com propriedade e inteligencia. Habitua-se, tambem, á cooperacao, indispensavel á realizacao de qualquer trabalho.

**Valor Pedagogico**

Serve para enriquecer o vocabulário, com o conhecimento de nomenclatura vegetal, animal e mineral. Aprimora o vocabulário; os exercicios de composicao brotam espontaneos. Motivos ótimos para a aprendizagem da matematica surgem quando das vendas e compras. Para todo o programa do ensino primário, encontra-se, no Clube Agricola, excelente colaborador.

**Valor Civico**

Patriota é todo o individuo que trabalha para se tornar util a si mesmo e á coletividade. Ninguem pode ser mais patriota que o lavrador que, com a enxada, edifica para a grandeza da patria. Fazemos dos nossos pequenos alunos outros tantos patriotas como o soube ser o saudoso guaratibano Major Gomes Archer, o grande reflorestador da Tijuca.

Que mais dizer sobre a colaboracao do Clube Agricola no programa escolar? Farei minhas para enaltecer-lhe o comprovado valor, as palavras do imortal Humberto de Campos :

—Para que as creanças tenham o orgulho da terra em que nasceram, não basta somente a extensao territorial do Brasil, a vastidão de suas florestas, a massa dos seus rios, a beleza de seu ceu, a doçura do seu clima, a riqueza de suas minas; que o deve orgulhar é sobretudo o seu proprio esforço, no sentido de tornar sua patria mais forte, mais rica, mais respeitada. Votem se ao trabalho e o Brasil será, na realidade o paiz mais rico da terra e o brasileiro o povo mais venturoso do mundo.

Amelia Pereira Pinto.

## Departamento de Educação

**PROMOÇÃO DE ALUNOS**

Srs. Superintendentes de Educação Elemental, Diretores de Escola e Professores.

Levo ao vosso conhecimento, para os devidos fins, que a promoção de alunos nas escolas elementares, no fim do corrente ano de 1937, será feita de acôrdo com as instruções abaixo, organizadas pela Comissão para esse fim especialmente designada :

1—A promoção dos alunos das escolas primarias municipais, no fim do ano letivo de 1937, obedecerá ao seguinte processo :

a)—Prova para a seleção dos alunos promoviveis e improvoviveis;

b)—Testes de escolaridade.

2—A prova de que trata o item a, do numero anterior, versará sobre questões de linguagem e aritmetica, e constará de uma parte escrita e outra oral, ambas prestadas perante o professor da turma.

3—As questões, quer para a parte oral, quer para a escrita, serão organizadas nas escolas, por professores indicados pela direção da propria escola, com aprovação do Superintendente, e deverão ficar contidas dentro da materia do programa minimo : sempre que possivel para cada série, sejam ouvidos os professores respectivos.

4—O tempo para cada tipo de exercicio será calculado pelos 50 % da turma. Para o calculo mental o tempo variará de 30 segundos até o maximo de um minuto para cada questão, de acordo com a dificuldade.

5—Servirá de base para a organização das questões a seguinte indicação sumaria da materia :

1ª SÉRIE — *Linguagem* — Dominio da leitura de sentenças simples, de acordo com o vocabulario das crianças; escrita de vocabulos e sentenças de uso corrente. *Matematica* — Pequenas operações, dentro da centena.

2ª SÉRIE — *Linguagem* — Leitura expressiva de trechos de sentido e vocabulario adequados. Escrita : redação de sentenças—ditado. *Matematica* — Operações faceis com numeros iuteiros. Pequenos exercicios

envolvendo os outros conhecimentos aritmeticos do programa.

3ª SÉRIE — *Linguagem* — Leitura oral com expressão que demonstre a compreensão do trecho. Escrita : redação—ditado. *Matematica* — Operações sobre inteiros e decimais. Calculos e problemas envolvendo os outros conhecimentos aritmeticos do programa.

4ª SÉRIE — *Linguagem* — Leitura oral, á primeira vista, com expressão que demonstre a compreensão do trecho. Exercicios escritos : redação—ditado. *Matematica* — Operações sobre inteiros, decimais e frações ordinarias. Calculos e problemas envolvendo os outros conhecimentos aritmeticos do programa.

5ª SÉRIE — *Linguagem* — Leitura oral á primeira vista, com desembaraço e expressão que demonstre a compreensão do trecho. Exercicios escritos : redação — ditado. *Matematica* — Operações sobre numeros inteiros, decimais e frações decimais. Calculos e problemas envolvendo os outros conhecimentos aritmeticos do programa.

6—PARTE ESCRITA — As questões desta parte da prova obedecerão aos seguintes tipos :

1ª SÉRIE — 1) Copiar duas sentenças faceis; 2) Escrever, sob ditado, dez palavras dentre as aprendidas durante o ano; 3) Efetuar adiões e subtrações faceis (sem reservas); 4) Ditado de cinco numeros dentro da centena; 5) Efetuar 10 calculos mentais.

2ª SÉRIE — 1) Forma : frases empregando do vocabulos dados ou a vista de gravuras; 2) Escrever, sob ditado, 10 palavras dadas. 3) Efetuar calculos indicados; 4) Achar o dobro, o triplo, a metade e a quarta parte de numeros dados, dentro da centena; 5) Efetuar 10 calculos mentais.

3ª, 4ª E 5ª SÉRIES — 1) Reproduzir no minimo em 5 linhas (3ª série), em 10 (4ª e 5ª) uma historia lida ou interpretar uma gravura; 2) Efetuar 20 calculos mentais; 3) Resolver dois problemas indicando solucao racionada.

7 — Os assuntos para redação deverão apresentar dificuldade adequada á série.

Os exercicios de *calculo mental* para todas as séries coastarão de duas partes.

Na 1ª parte os alunos escreverão, adiante da letra que indica a ordem em que as perguntas são, a correspondente resposta, dentro de tempo marcado; as perguntas de-

verão estar já escritas no quadro, quando as crianças entrarem na sala.

Na 2ª parte as perguntas, em vez de escritas, serão feitas, oralmente, pelo professor, em voz pausada e bem clara, podendo repeti-las no caso de duvida.

Os problemas de *solução racionada* devem ser apresentados em ordem crecente de dificuldade e sob a fórmula de situações reais da vida.

9 — *Parte oral* — A parte *oral* constará de leitura de um trecho de dificuldade adequada : série, seguida de perguntas de interpretação e gramatica.

10 — Para uniformidade das condições da prova oral, deverá cada aluno presta-la ficando sosinho na sala com o professor (e eventualmente com o diretor ou delegado seu), guardando do mesmo distancia razoavel e finda a qual deverá retirar-se da escola sem ter comunicação com os colegas.

11 — Os professores de classe que não tenham prova, comparecerão para auxiliar o serviço de fiscalização, ficando sempre o trabalho de correção e julgamento ao exclusivo criterio do professor da turma.

12 — Concluida a parte escrita, o professor da classe iniciará imediatamente, na propria escola, o julgamento das provas de seus alunos, o qual deverá estar concluido, no maximo, no dia imediato.

13 — A redação (3ª, 4ª e 5ª séries) será julgada do ponto de vista da *forma* e do *sentido*.

a) — A *forma* será julgada em duas partes : legibilidade e ortografia. A legibilidade será considerada de acordo com a maior ou menor facilidade de leitura e a ortografia dentro do que o programa exige em cada série.

b) — O *sentido* será desdobrado em sequencia de pensamento, sintaxe e pontuação.

A sintaxe (bem como a pontuação e outros conhecimentos gramaticais) será considerada dentro do que exige o programa de cada série, devendo merecer cuidados particulares o bom emprego da concordancia e o abandono de palavras ou expressões redundantes.

1º — A redação serão atribuidos 30 pontos, assim distribuidos :

*Forma* — Legibilidade, 3 pontos. Ortografia, 5 pontos.

*Sentido* — Sequencia de pensamento, 8 pontos. Sintaxe, 10 pontos. Pontuação, 4 pontos.

15—Para o julgamento de calculo cada questão valerá um ponto.

16—A leitura será julgada do ponto de vista do mecanismo e da compreensão, sendo o mecanismo desdobrado, para efeito de julgamento, em : pronuncia (acentuação e emissão clara dos vocabulos) e pontuação; e a compreensão julgada pelas respostas dadas a perguntas feitas.

A leitura será atribuida um total de 20 pontos, assim distribuidos :

*Mecanismo*—Pronuncia, 5 pontos. Pontuação, 5 pontos.

*Compreensão*—10 pontos.

17—Findas as provas orais, os professores de classe aporão na folha da prova escrita a nota de leitura e farão o julgamento final.

18—O professor da classe encherá ato continuo as listas que lhe serão remetidas e as devolverá ao diretor da escola. Este á vista do resultado da prova, enviará ao Superintendente o total de promoviveis em cada série, do que a Superintendencia dará immediato conhecimento ao Instituto de Pesquisas Educacionais para efeito da remessa de formulas dos testes.

19—As listas permanecerão na escola até a realização dos testes. Findos estes, serão devidamente preenchidas e enviadas á Superintendencia para apuração. A segunda via será remetida ao I. P. E.

20—Serão considerados *impromoviveis* os alunos que obtiverem no conjunto da prova de 0 a 39 % do total de pontos e *promoviveis* os que obtiverem de 40 a 100 % desse total.

21—A prova escrita será realizada segundo a tabela abaixo :

Dia 16 de Novembro—1ª e 2ª séries.

Dia 17 de Novembro—3ª, 4ª e 5ª séries.

22—A prova de leitura obedecerá ao seguinte horario :

Dia 18—1ª série.

Dia 20—2ª e 3ª séries.

Dia 21—4ª e 5ª séries.

23—Nos dias de prova será suspenso o funcionamento das outras séries.

24—Os alunos considerados *impromoviveis* não serão submetidos aos testes.

25—Os testes serão realizados na 1ª

quinzena de Dezembro em dias e segundo as instruções que serão oportunamente publicadas em edital.

26—O diretor da escola, diretamente ou por delegado seu, velará pelo bom andamento de todas as provas.

Distrito Federal, 24 de Setembro de 1937

COSTA SENA

## O Ensino Particular

*Instruções para execução do disposto*

*no paragrafo unico do artigo 32, das*

*instruções baixadas pelo Sr. Secreta-*

*rio Geral de Educação e Cultura em*

*14 de Janeiro de 1937*

As escolas particulares que queiram conferir diploma oficial de terminação de curso primario aos alunos da ultima serie, deverão observar as seguintes condições :

I—Só poderão inscrever alunos os estabelecimentos que tenham satisfeito todas as exigencias das leis e regulamentos municipais.

II—Só poderão ser submetidos a exames os alunos que tenham cursado regularmente a escola, pelo menos durante seis meses.

III—Os candidatos serão submetidos, previamente, a provas subjectivas, com a presença do Superintendente de Ensino Particular, ou do Fiscal, até o dia 18 de Novembro.

IV—Os alunos dados como promoviveis poderão requerer ao Superintendente de Educação Elementar, em cuja Circunscrição queiram prestar exame, a sua inscrição, sendo então submetidos a provas de testes com os alunos das escolas publicas.

V—As inscrições na sede das Circunscrições serão abertas de 20 a 30 de Novembro.

Costa Sena, Diretor.

# Casa Orlando Rangel

DROGARIA E  
PERFUMARIA

## Rangel Costa & Cia

Grande deposito de drogas, produtos quimicos, especialidades farmaceuticas e perfumarias, nacionaes e estrangeiras

83, RUA REPUBLICA DO PERÚ, 83 — RIO DE JANEIRO

*A que mais barato vende perfumarias*

## Assistencia Dentaria Escolar

Chamamos a atenção dos senhores dentistas escolares para o grande sortimentos de artigos dentarios, que a CASA CIRIOS oferece em optimas condições.



Ouvidor, 183 — Phones, 22-9249 e 22-9446

## CAMBUQUIRA

Dentre seus magnificos hotéis destaca-se, pelo seu predio especialmente constituido, pelo conforto que oferece, e pela escolhida sociedade que o fréquentá — o ELITE HOTEL. Está situado na principal rua da cidade e é o que se acha mais proximo da fontes.

Para mais informações dirigir-se ao seu proprietario — Julio Lemos

# EXPEDIENTE

As assignaturas d'A Escola Primaria podem ser tomadas, em qualquer época pelo preço de 12\$000 por anno para o Districto Federal e para os Estados.

Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados a Redacção d'«A Escola Primaria» — Rua 7 de Setembro, 174, — Rio de Janeiro.

Matriz:

## CASA MATTOS

Filial:

R. Ramalho Ortigão, 24

Mariz e Barros, 188-A

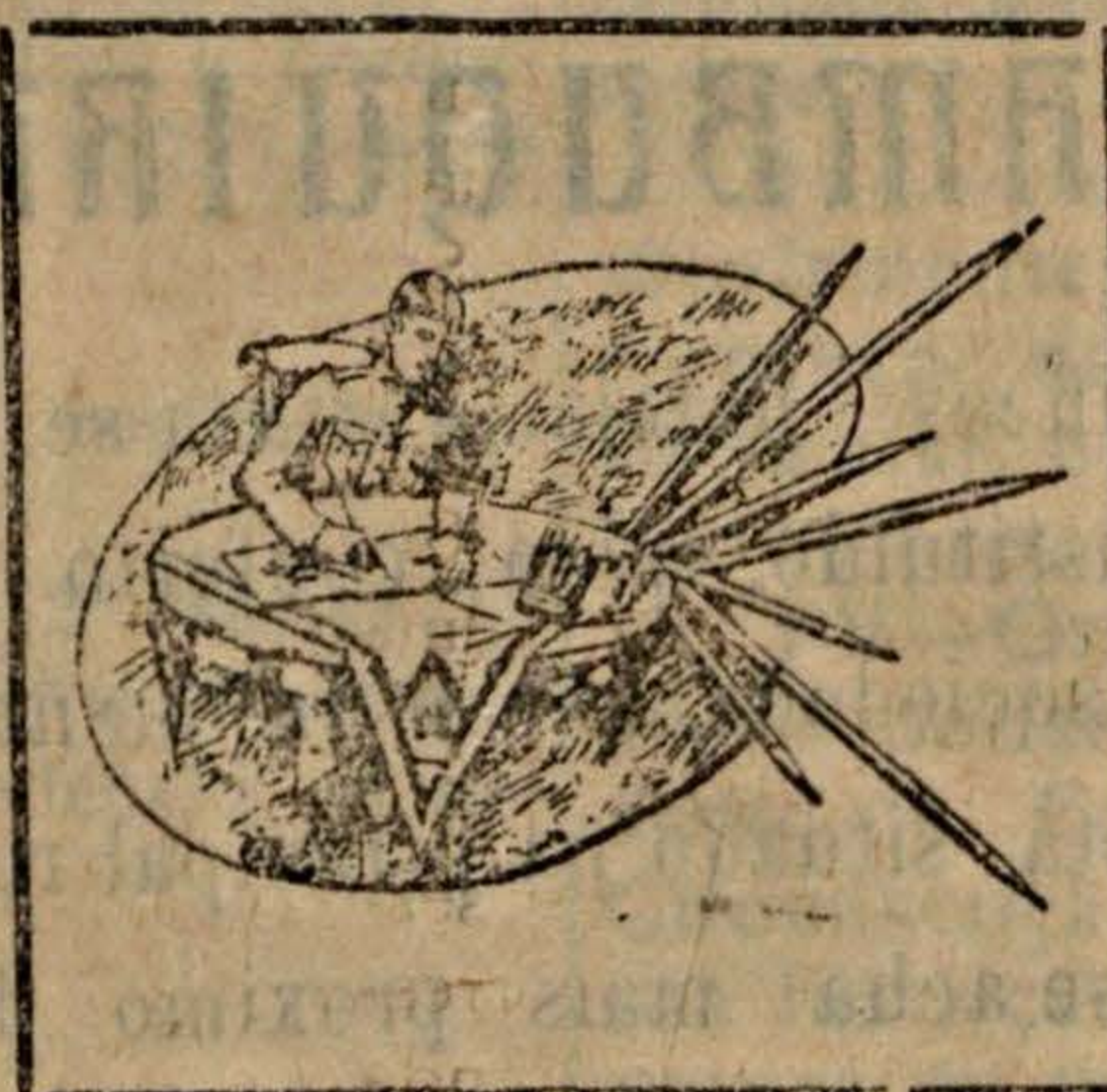
TELS. } 22-3552  
} 22-3353

**FERREIRA DE MATTOS & CIA.**

TELS } 28-0722  
} 28-7892

Grande e variado sortimento de artigos de  
PAPELARIA — LIVRARIA — PINTURA E DESENHO

Os distintos Estudantes  
encontrarão sempre na  
CASA MATTOS os arti-  
gos de melhores qualida-  
des por preços sem  
competidores



Prefiram sempre as nos-  
sas afamadas marcas  
“ACADEMICOS”,  
“FERRARTE” e “IN-  
FANTIL. Cadernos  
“EDUCATIVO” com  
mappas do Brasil e  
— Planisferio —

SÃO AS MELHORES EM QUALIDADE E PREÇOS

# Assegure SEM COMPROMISSOS



SI, ao planejar um meio de assegurar o futuro de sua esposa e seus filhos, diante de qualquer eventualidade, se torna difficil para o Sr. assumir compromissos por certo prazo, a Sul America, com seu novo plano de seguro a premio unico, traz-lhe a solução para o caso. O Sr. poderá ir adquirindo mensalmente, ou como mais lhe convenha, annos seguidos, titulos separados de um ou mais contos de reis, por preço muito inferior ao valor declarado. Essas apolices ser-lhe-ão pagas, dentro de um prazo fixo, correspondente ao seu pagamento actual, como renda ou peculio para o futuro. E com esta vantagem: si um imprevisto o roubar ao carinho dos seus, o peculio que houver formado — 20, 50, 100 contos — será pago de uma vez aos seus herdeiros. E' uma economia, um negocio, um seguro. Remeta-nos o coupon ao lado e receberá completas informações sobre esse e outros planos da Sul America.



Fundada em 1892



TRES SECULOS DE EVOLUÇÃO MUSICAL (A Historia da Musica e dos Grandes Mestres) — Todas as 6as. feitas ás 20.30 na RADIO TUPI. (1.200 Kilocyclos).

## A' SUL AMERICA

Caixa 971 - Rio de Janeiro

Pego enviar-me, sem compromisso algum de minha parte, informações completas sobre o Plano Dotal a Premio Unico, de Acquisições Periodicas. Interessa-me um prazo de 10 - 15 - 20 annos (Risca: aquelles que não interessarem).

5 VVVV 6 9

Nome \_\_\_\_\_  
Data de nascimento \_\_\_\_\_  
Profissão \_\_\_\_\_  
Endereço \_\_\_\_\_  
Cidade \_\_\_\_\_  
Estado \_\_\_\_\_

# Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO S. PAULO BELLO HORIZONTE  
Rua do Ouvidor, 166 — Rua Libero Badaró, 49, A — Rua da Bahia, 105

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

## HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$700
2.º Livro de Leitura.....	1\$500
3.º Livro de Leitura.....	1\$500
4.º Livro de Leitura.....	1\$500

## THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$700
2.º Livro de Leitura.....	1\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
3.º Livro de Leitura.....	2\$500
4.º Livro de Leitura.....	3\$000
5.º Livro de Leitura.....	4\$000
6.º Livro de Leitura.....	4\$000

## SERIE FIGGARI-BARRETO

1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	2\$500

## ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$200
Cartilha Analitica.....	2\$000
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

## FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura...	1\$500
Cartilha.....	2\$000
Leitura preparatoria.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000

## JOÃO KOPKE

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500
4.º Livro de Leitura.....	3\$500
Leitura Praticas.....	2\$000
Fabulas (em verso).....	1\$500

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2.º anno.....	2\$500
Leitura para o 3.º anno.....	3\$000
Leitura para o 4.º anno.....	3\$000

## D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	3\$500

## JOAO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	6\$000
Selecta Classica.....	6\$000

## ASSIS CINTRA

Pequenas Historias.....	2\$500
-------------------------	--------

## O. BILAC e M. BOMFIM

Atravez do Brasil.....	5\$000
Leitura complementar.....	5\$000
Livro de composiçao.....	5\$000

## CARMEN GILL

Instruçao Civica.....	4\$000
-----------------------	--------

## ALTINA DE FREITAS

Cartilha.....	2\$000
---------------	--------

## ANNA CINTRA

Ensino Completo de Leitura...	1\$500
-------------------------------	--------

## A. JOVIANO

Primeira Leitura (para crianças)	2\$000
Primeira Leitura (para adultos).	2\$000
Lingua Patria—1.º Livro.....	4\$000
« « —2.º Livro.....	5\$000
« « —3.º Livro.....	5\$000

## MARIA DO CARMO P. NEVES

Exercicios de Linguagem — (1., 2.º e 3.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem — (4.º e 5.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem (6.º e 7.º annos).....	4\$000

## MANOEL BOMFIM

Primeiras Saudades.....	4\$000
Creanças e Homens.....	3\$000

## E. DE AMICIS

Coração.....	4\$000
--------------	--------

## AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente...	4\$000
------------------------------	--------

## BILAC e C. NETTO

Contos Patrios.....	4\$000
Patria Brasileira.....	4\$000
Theatro Infantil.....	3\$000

## ALBERTO DE OLIVEIRA

Céo, Terra e Mar.....	4\$000
-----------------------	--------